

Parem as Máquinas

crônicas de nosso tempo

Murillo de Aragão

Parem as Máquinas

crônicas de nosso tempo



Editora Sulina

Copyright © Murillo de Aragão, 2017

Capa: *Humberto Nunes*

Editoração: *Vânia Möller*

Preparação de originais: *Marcelo Rubin de Lima*

Revisão: *Vânia Möller*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Editor: *Luis Antonio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

A659p Aragão, Murillo de
Parem as máquinas: crônicas de nosso tempo / Murillo de
Aragão. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.
143 p.

ISBN: 978-85-205-0790-2

1. Literatura Brasileira – Crônicas. 2. Jornalismo. I. Título.

CDD: B869.8

B869.4

CDU: 070

869.0(81)-94

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440, cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90.035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2017}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*À Patrícia, meu amor, minha companheira
e cúmplice das melhores viagens:
foi quem me ensinou a sorrir.*

*Ao Thiago, Lucas, Cristiano, Rafa e Lucas K.,
amigos, irmãos, filhos e companheiros de vida.*

*A José Negreiros e Káthia, pelo auxílio,
pelas ideias e pela paciência de sempre.*

*Aos companheiros da Arko Advice e da
Advocacia Murillo Aragão.*

*Aqui só tenciono descobrir a mim mesmo,
que amanhã porventura será outro se nova
aprendizagem me mudar.*

[Montaigne]

E, não menos que saber, duvidar me agrada.

[Dante Alighieri]

*Sabemos o que somos, mas não o
que poderemos ser.*

[William Shakespeare]

Prefácio

Jose Múcio Monteiro

Em certa ocasião, solicitado a escrever sobre Machado de Assis, o poeta e crítico literário Mário de Andrade afirmou que talvez não devesse fazê-lo, porque tinha pelo escritor grande admiração e devotado culto pela pessoa e pela obra. Pois bem, é mais ou menos como me sinto neste momento em que me ponho a falar sobre Murillo de Aragão. Conheço Murillo desde sempre. Advogado, jornalista, cientista político, doutor em Sociologia, transita na cena política de Brasília e do país há mais de trinta anos. Durante todo o nosso convívio, acompanhei seus escritos, seus artigos, a princípio nos jornais, nos livros, depois na internet, nos blogs, na televisão, enfim, em todas as mídias. Agora reúne em livro algumas de suas melhores crônicas e me pede para prefaciá-las. Tenho receio de que as palavras que vou dizer aqui pareçam excessivamente colorizadas pela tinta da estima e da amizade.

Gênero literário de longa tradição em nosso país, com suas origens remontando quase aos tempos do Brasil Colônia, a crônica iniciou-se como relato de costumes, como folhetim, e se firmou na segunda metade do século XIX, com o advento dos escritores jornalistas, entre eles José de Alencar e Machado de Assis, que elevaram seu *status* da condição de quase subproduto do jornalismo a um patamar superior, de gênero literário próprio, autôno-

mo. Justamente por conta dessa autonomia é que Carlos Drummond de Andrade, outro de nossos melhores cronistas, deu a um de seus livros o título: *De notícias e não notícias, faz-se a crônica*.

A crônica requer habilidades que poucos escritores possuem. Composição difícilíssima, de caráter ambíguo entre um conto, a narrativa de uma história (real ou imaginada), uma reportagem de jornal, a descrição de um fato, uma notícia, a boa crônica traz em si o humor e a poesia. As de Murillo de Aragão, transitando entre política, poder e economia, tornando fluidas as fronteiras entre imaginação e realidade, não exibem a aridez inerente a tais assuntos, ao contrário, apresentam um *corpus poeticus* e servem de fonte literária em razão das muitas citações de livros com que o autor nos brinda, que vão desde as cartas do filósofo Sêneca, o *Conselheiro Aires*, de Machado de Assis, Mário Vargas Llosa, Ian Fleming – o criador de James Bond –, *O grande Lebowski*, *Maquiavel revisitado*, passando por indicações de livros sobre políticos brasileiros como Getúlio Vargas, João Goulart, Carlos Lacerda, José Serra, até a recomendação de *O dribble*, de Sérgio Rodrigues.

Nessas citações e indicações, Murillo faz uso, com competência, da “arte das transições”, recurso literário magistralmente empregado por Machado de Assis que consistia, como nos ensina John Gledson, em unir tópicos aparentemente distintos, “um parecendo não ter nada a ver com o outro, mas que, justapostos, oferecem resultado surpreendente”.

Observador atento aos principais acontecimentos da política e da sociedade de seu tempo, Murillo de Aragão

reage às cenas que o cercam e atua como deve atuar o bom cronista, na célebre definição de Machado de Assis: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto”.

Graças a esses atributos, os relatos despreziosos do cotidiano escapam à efemeridade do gênero e esquivam-se da corrosão dos anos; e mesmo textos mais antigos, escritos, por exemplo, em 2005, ainda se revelam atraentes ao leitor de hoje, tornando-se merecedores de sua compilação em livro. A crônica que dá nome à coletânea, por exemplo, “Parem as máquinas”, escrita em 2014, revela-se bastante atual. Dois anos antes de a expressão “pós-verdade” entrar para o léxico mundial, consagrada pelo renomado *Dicionário Oxford*, o cronista fala de factoi-des e de verdades criadas para suplantar a realidade.

Esse merecimento de que são dotadas algumas crônicas, de passar do jornal (ou do blog) para o livro, nos revela, como afirmou o crítico Antônio Cândido, uma durabilidade maior do que a própria crônica supunha ter ao nascer. As crônicas de Murillo de Aragão são relatos destinados ao entretenimento, mas que guardam o frescor da tinta recém-lançada ao papel e constituem testemunhos perenes da política e da sociedade do nosso tempo.

É, pois, com o mesmo receio de Mário de Andrade, mas com muita honra e orgulho que recomendo o livro de Murillo de Aragão.

Apresentação

Um escritor lido por presidentes

Ricardo Noblat

Quando quero me informar a respeito de política, leio os artigos de Murillo de Aragão. Se estou interessado numa boa opinião sobre as informações que aparecem em textos, leio o que escreve Murillo de Aragão. E sempre que preciso de uma previsão certa, não tenho dúvida, recorro a Murillo de Aragão.

Ele acertou quase na mosca a votação da denúncia contra o presidente da República na Câmara. Segundo seu prognóstico, Temer teria entre 257 e 270, teve 263. Diante disso, não precisaria dizer mais nada neste prefácio.

Em quase 30 anos de Brasília, Murillo é a melhor referência sobre o que acontece na praça dos Três Poderes porque: tem as melhores fontes, uma visão de mundo moderna e escreve textos breves de forma didática e bem-humorada. Conhece a história e sabe pensar, dois raros atributos no Brasil.

Basta abrir o jornal e conferir com os eventos protagonizados por atores políticos e comentados pelos palpiteiros da opinião publicada. Além disso, ele sabe o que diz. Alguns de seus relatos são de primeira mão – foi testemunha de muitos episódios que conta e analisa.

Para nosso deleite, trata-se material publicado toda sexta-feira no “Blog do Noblat”, como parte da resenha de

inteligências que explicam a crise. Mas nem só na política, economia, Brasília, Avenida Paulista etc. Aragão mete sua colher.

No texto “Noventa anos em um instante”, escreve como ficcionista, em “Parem as máquinas!” é um cronista de costumes, como já não os temos mais, e com o título de “Colapso da verdade”, filósofa. Por isso, a leitura das 143 páginas de *Parem as máquinas* é, ao mesmo tempo, história, universidade e diversão.

Nelas estão reunidas as narrativas que respondem àquela pergunta do ex-deputado Francelino Pereira – “Que país é este?”. Murillo de Aragão é leitura obrigatória até de presidentes, conforme confidencia Fernando Henrique Cardoso na página 653 do primeiro volume dos *Diários da Presidência* (1995-1996): “Murillo de Aragão produz aquele Fax (newsletter de política publicada na década de 1990), que é uma carta interessante, objetiva”.

Sumário

O analógico, o digital e o abismo	15
Cotidiano enigmático	17
Hora do Supremo	20
Enquanto isso, na sala da Justiça	22
Quem matou a cidadania?	24
Tá chovendo para cima	27
O país do mais ou menos	29
Mulheres e política no Brasil	32
<i>Slow Motion</i> Bossa Nova	34
Cinismo, indignação e palavrões fofinhos	37
Viva Las Vegas!	39
Fascínio dos vazamentos	42
Acaso e serendipidade	45
Noventa anos em um instante	48
Colapso da verdade	51
A gaiola dourada da popularidade	55
A empatia de cada dia	59
Capitalismo pós-30%	62
Uma revolução cultural	65
Um tônico para o Brasil e para a humanidade	68
A viagem de Lampreia	71
A força devastadora das delações	73
O poder transformador do Petrolão	75
À sombra do petrolão	77
O tempo não para	80

<i>Getúlio 3 (1945-1954)</i>	82
<i>Cinquenta anos esta noite</i>	86
<i>A república das abelhas</i>	88
Parem as máquinas!	90
<i>O drible</i>	93
O mundo não para	95
A bola da vez	97
Ao dia seu próprio mal	100
Ainda estamos na pré-história da política	104
Roberto Civita	107
Tempo perdido	109
Vida, morte e Tempo	111
<i>Getúlio, Lira Neto</i>	113
O salto para o futuro	116
Alianças esdrúxulas	119
Política centrista	121
Maquiavel revisita Brasília	124
O futuro no lixo	127
Revedo João Goulart	131
Sobre fogo, flores e incertezas	134
Cinquenta anos em alguns instantes	136
O silêncio dos inocentes	139
Tempo e o Sagrado	141